

Para a corajosa Marg Laidlaw,
engolida por uma avalanche de neve,
o silêncio e a solidão eram pavorosos,
mas, mesmo assim, ela se recusou
a abandonar sua desesperada luta pela vida

FRANCIS SCHELL

Encontro com a morte branca

A NEVE caíra pesada sobre o Norte da Itália durante todo o inverno anterior. Em Macugnaga, uma povoação alpina no topo de um vale voltado para a Suíça e para o altaneiro Monte Rosa, os primeiros dias de março tinham sido particularmente difíceis. Nevara quase ininterruptamente durante um mês, mais do que em muitos anos, e os aldeões olhavam com medo a brancura sufocante da neve, pois, com o degelo da primavera, era grande o perigo de avalanchas, que, na realidade, já tinham esmagado uma casa e três instalações de esqui.

Para Margaret e Ernest John Laidlaw, turistas canadenses de Toronto, os esportes de inverno em Macugnaga tinham sido maravilhosos, até que os nevões deram lugar à chuva e a crescente ameaça de avalanchas fechou todos os ascensores. Na manhã de sábado, 11 de março, depois de dois dias sem fazer nada, decidiram procurar paragens mais ensolaradas. Como a única estrada da região tinha sido fechada ao tráfego por causa de deslizamentos, teriam que caminhar até Ceppo Morelli, a aldeia mais próxima, onde ainda teriam que tomar um ônibus

até a estação dos teleféricos. Ambos, atletas perfeitos (ele, engenheiro-civil, de 44 anos, com um bigode estilo RAF e maneiras decididamente anglo-saxônicas; ela, dez anos mais nova, norte-americana, programadora de computadores e muito expansiva), jogaram a mochila e os esquis às costas e partiram.

Estava chovendo quando saíram, por volta das 11 horas, mas Marg estava habituada a esse tipo de aventuras com seu marido — no Canadá, nos fins-de-semana, costumavam esquiar, velejar, acampar e subir montanhas: Uma caminhada de 12 quilômetros sob a garoa de inverno não parecia grande coisa. Por volta do

meio-dia, chegaram, sem incidentes, a um obstáculo: um túnel bloqueado por uma avalanche, ao longo da base do Pico Battel, de três mil metros.

Bem perto dali, três enfermeiras italianas — Vanna Rizzi, sua irmã e uma amiga — pararam para conversar com os canadenses. Marg e Ernie não falavam italiano, mas ambos se arranjavam em francês, assim como uma das mulheres. As italianas também achavam que o único trajeto a seguir então era caminhar paralelamente ao túnel, sobre a avalanche, para alcançarem a estrada do outro lado. Seria uma caminhada de apenas 250 metros, seguindo as pegadas possivelmente deixadas anteriormen-



te. Marg e Ernie relutaram em correr o risco, mas quando Vanna Rizzi e suas companheiras se puseram a caminho, os canadenses mudaram de idéia. Ernie já tinha andado e esquiado sobre avalanches, no passado, e se aquelas mulheres podiam fazê-lo, por que não ele?

Ernie disse a Marg para segui-lo e, cuidadosamente, começou a travessia. Marg estava a menos de 25 metros atrás dele quando o ouviu gritando e olhou para cima. No mesmo instante, viu o perigo — uma estranha nuvem branca deslizando em sua direção. Jogando os esquis para o lado, tentou se libertar da bagagem e correr, mas era tarde. Vanna Rizzi, perto do deslizamento, viu Marg ser engolida pela onda de neve.

Uma segunda avalanche se seguiu e, logo depois, uma terceira. Tudo o que se podia ver agora era uma montanha de neve. Deixando Ernie para trás, as três italianas correram a fim de pedir ajuda em Ceppo Morelli.

O TELEFONE tocou no escritório de Renato Cresta, diretor de um dos principais teleféricos de Macugnaga. Cresta, antigo capitão do exército italiano, era diretor voluntário da Equipe de Salvamento do Clube Alpino Italiano. Reuniu seu material (bastões, bandeirolas, megafone), convocou alguns homens e partiu para o local, onde vigias com *walkie-talkies* foram imediatamente designados para observar a possibilidade de novos deslizamentos. Cresta decidiu que a busca deveria começar logo abaixo do ponto onde Vanna Rizzi tinha visto Marg

pela última vez, mas, depois de regressarem ao hospital, em serviço, e relatarem a catástrofe, as três mulheres não tinham voltado ao local. Cresta via agora vários troncos quebrados na área da avalanche, o que complicava as operações de salvamento.

Uns 15 homens se colocaram lado a lado, na área da avalanche, segurando varas de quatro metros de comprimento, com dentes na ponta. (Quando se enterram as varas na neve, os dentes recolhem amostras dos objetos em que conseguem tocar, como pedaços de corda, lascas de madeira e pedaços de couro.) Com Cresta dirigindo as operações por megafone, os homens avançariam um passo e enfiariam as varas na neve, e cada área investigada seria assinalada com bandeirolas.

Pouco depois, trouxeram um cão-pastor. O Clube Alpino tem 54 desses animais, especialmente treinados para socorros em avalanches, capazes de investigar em 20 minutos uma área que 20 homens levariam 10 horas para explorar. Todos saíram do local, enquanto o cão farejava. Nada encontrou. Para Cresta, o cachorro parecia distraído ou sem inspiração. «Se ele fosse o Zacho!», pensou Renato. «É o melhor cachorro da Itália, treinado em avalanches.» Zacho pertencia ao seu amigo Alberto Borgna, mas este vivia a 320 quilômetros.

Quando os vigias já não podiam ver o topo da montanha, a busca teve de ser interrompida. Foi um momento angustiante para Ernie, mas Cresta deu-lhe esperanças para o dia seguin-

te. Disse-lhe que telefonaria para Borgna e lhe pediria que mandasse Zacho com urgência.

O domingo foi um dia pavoroso. A chuva se alternava com a neve, e até os sinos da igreja pareciam plangentes. Vários deslizamentos na estrada impediram que a equipe de salvamento chegasse mais cedo, e a busca só começou por volta das oito e meia. Ernie e 40 voluntários trabalharam o dia todo, mas ele sabia que as chances de encontrar Marg com vida eram cada vez menores. Mesmo que ela não tivesse sido esmagada pela neve (e esta era uma grande dúvida), já deveria ter morrido de frio ou com falta de ar.

Ernie se agarrou à esperança do outro cachorro que Renato tinha lhe prometido, mas o que ele não sabia era que Borgna ficara retido — primeiro, pelas avalanchas; e depois, por problemas com o carro.

À tarde, Vanna Rizzi voltou e indicou o local exato em que pensava ter visto Margaret pela última vez. Às seis e meia, os voluntários tiveram de interromper o trabalho, pois um denso nevoeiro tornava a busca impossível. Muitos deles concordaram em recomeçar no dia seguinte, segunda-feira, bem cedo. Já então Borgna e seu cão teriam chegado — a perspectiva que alimentaria as esperanças de Ernie por mais uma noite horrível.

QUANDO a primeira onda de neve desceu sobre ela, Marg tentou «nadar» para a superfície e permanecer erecta, mas uma nova avalanche se seguiu, e ela foi soterrada.

Seu primeiro pensamento foi: «Vou sufocar!» Previa uma morte rápida, mas, depois de alguns minutos, ficou aliviada. Parecia poder respirar.

Avaliou a situação sob escuridão quase total. A neve pesava sobre ela, mas parecia haver uma cavidade natural, do comprimento de um braço, defronte do seu rosto. Embora ela pudesse estender o braço direito, o esquerdo estava torcido de mau jeito e imóvel. Uma perna ficara dobrada à altura do joelho e ligeiramente torcida; a outra estava normal, mas ambas profundamente enterradas. Sua roupa poderia mantê-la aquecida durante algum tempo. Usava grossas meias de lã, calças de «gabardine» espessa, o traje de esqui e, sob este, seu ótimo suéter islandês. Subitamente, lembrou-se de que tinha tirado as luvas de couro e pedido a Ernie para guardá-las na mochila. Agora, suas mãos estavam nuas, e a mochila bem acima de sua cabeça, fora de alcance.

Era preciso que não entrasse em pânico, pensou ela, que se mantivesse ocupada e fizesse o possível para chamar a atenção. Primeiro, tentaria libertar o braço torcido. Espontaneamente, para conservar a energia, escavou até colocar a mão esquerda em posição de esfregar os blocos de gelo que cobriam o outro braço. Isso levou o que lhe pareceram longas horas de paciente vaivém, mas finalmente tinha as duas mãos libertas.

Agora, poderia trabalhar num problema vital: ela usava lentes-de-contato e sabia que, se adormecesse ou ficasse inconsciente, estas poderiam

provocar-lhe uma séria inflamação nos olhos. Com as mãos quase paralisadas pelo frio, conseguiu retirar uma das lentes, e depois a outra. As lentes desapareceram dentro da neve, mas, naquele momento, não seriam de grande utilidade, pensou ela com ironia. No escuro, sua miopia não teria muita importância.

Marg tentava agora aumentar o espaço ao seu redor e, talvez, até mesmo abrir um caminho para o exterior — mas com as mãos nuas? Lembrou-se da grossa etiqueta de plástico de sua mochila. Mais alguns *intermináveis* momentos de vaivém e finalmente conseguiu apanhá-la. Começou a aumentar o espaço ao redor do rosto e, pouco a pouco, conseguiu escavar uma pequena gruta, que lhe permitia mover ligeiramente os ombros.

Exausta, enfiou as mãos dentro do suéter e descansou. Depois de algum tempo, procurou sua pá, mas não a encontrou. Que calamidade! Então se lembrou de que, oculta em seu suéter, havia uma pequena carteira de plástico com armação de metal. Tentou libertar as pernas para ter mais estabilidade. Por fim, já conseguia movê-las para cima e para baixo, porém os pés não se desprendiam. Além disso, a mochila impedia qualquer movimento para frente, mas, assim mesmo, continuou tentando. A breves intervalos, parava para descansar, até que o frio a acometia de novo, e ela recomeçava.

De repente, ouviu vozes (*e mesmo passos!*) sobre sua cabeça. Começou a gritar em todas as línguas de que se lembrava: «Socorro! *Aiuto!* *Au*

secours!» (Não sabia que a neve é um dos piores condutores de som.) Gritou muitas vezes. Os passos e vozes se distanciaram, e, finalmente, sumiram. O silêncio era excruciante; a solidão, insuportável. Marg sentiu-se aterrorizada com o próprio som de seus gritos.

Era inútil. Bem, talvez, no fim das contas, adormecer coberta de neve não fosse uma desagradável maneira de morrer.

ALBERTO BORGNA chegou a Ceppo Morelli com Zacho no domingo à noite. Nove anos antes, ele havia perdido seu melhor amigo numa avalanche, e agora era um dos italianos mais experientes em salvamentos na neve. Tinha criado Zacho desde que este era ainda um cachorrinho, e seu cuidadoso treinamento fizera com que o cão-pastor ganhasse várias medalhas em concursos de salvamento. Até então, haviam trabalhado em muitas missões de salvamento, mas nunca tinham encontrado ninguém com vida sob uma avalanche.

Por volta das 6:45 da manhã seguinte, Zacho foi levado ao local. Enquanto Ernie foi deixado na estrada, para verificar a possibilidade de novas avalanches (e também para poupá-lo, no caso de se descobrir o corpo de Marg), Borgna e Zacho começaram o trabalho.

Dizem que um cão é sempre um espelho do dono, e Borgna era o melhor perito nesse tipo de salvamento. Primeiro, fez festinhas em Zacho, para agradá-lo; depois, vestiu um casaco alaranjado especial (que só usa-

va em operações de salvamento) para que Zacho compreendesse em que consistia sua tarefa. Ajoelhou-se perto do cão, incitou-o e o soltou.

Farejando rente ao chão, Zacho ziguezagueava pela área, com o dono controlando seus movimentos por meio de uma pequena pá de alumínio, á guisa de semáforo. Depois de algum tempo, os pedregulhos espalhados pelo local desorientaram a busca de Zacho. Borgna pôs-lhe uma trela mais longa, e foram explorar a parte inferior do terreno, que tinha sido sondada pelas varas no domingo. Nada encontraram. Vinte minutos depois, Borgna fez parar Zacho para descansarem. Tempos depois, foram esquadrinhar a parte superior do terreno. O resultado foi o mesmo.

Cresta, que não estava participando daquela busca, apareceu. «Que faremos agora?», perguntou. Estavam de pé exatamente sobre o local assinalado por Vanna Rizzi no dia anterior.

«Vamos voltar para a aldeia e descansar», disse Borgna. «O cão só pode trabalhar com eficiência durante hora e meia; depois disso, seu instinto começa a divagar.»

Enquanto falavam, Zacho subiu a colina na direção oposta à da área de busca, até onde a trela lhe permitia, cerca de 15 metros fora da estrada. De repente, parou, farejando sem descanso. Deu mais um ou dois passos, e começou apontando o focinho para a neve, com insistência.

Borgna disse para o amigo: «Ele deve ter encontrado alguma coisa.» Para encorajar o cachorro, gritou: «Ótimo, Zacho. *Vá! Su!*»

Uma, duas, dez vezes, Borgna sondou o local. Subiu mais um pouco e sondou novamente. Na quarta vez, algo impediu que a vara se enterrasse mais. Começou a cavar, e Zacho sempre observando atentamente cada bloco de neve removido pela pá.

Quase um metro abaixo, algo verde-cinza veio à tona, parte de uma mochila. Espanando um pouco mais a neve, Borgna divisou um ombro vestido de vermelho e uma madeixa de cabelos. Marg estava virada com o rosto para baixo. Afundou os braços na neve para estudar melhor a posição de Marg. Inclinando-se sobre ela, ouviu um fraco lamento — ela ainda respirava!

«*Está viva!*», gritou Borgna para que todos ouvissem. Cresta juntou-se a ele imeditamente, Ernie correu para lá e, juntos, os três removeram a neve. Logo as costas de Marg estavam a descoberto. Chegando mais perto, Borgna pôde ver um pouco de saliva escorrendo entre seus lábios, formando pequenas bolhas de ar.

Pouco a pouco, libertaram seu torso e Borgna aplicou-lhe massagens no coração e respiração artificial. Cobriu-lhe também os olhos, para protegê-los da luz. O gelo que lhe prendia os pés teve de ser serrado. Finalmente, ela estava livre — uma massa dura de gelo, com as mãos enregeladas, o rosto lívido, mas ainda sem aqueles tons arroxeados, que indicam falta de oxigênio.

O corpo duro de Marg foi levado para um ônibus de excursão e conduzido para um hotel próximo. Sob a orientação de Borgna, colocaram-

lhe bolsas d'água morna sobre o estômago, cobriram-na com lençóis e toalhas aquecidas e massagearam-na suavemente. Quando o médico chegou, o ritmo cardíaco de Marg estava quase normal.

Como conseguiu ela sobreviver? «Acho que foi porque tive muita sorte», disse Marg, modestamente. «Foi porque ela é uma moça forte e com muita vontade de viver», explicou Ernie, «e porque estava agasalhada para qualquer emergência.» Ou «porque se apresentava em perfeitas condições físicas e com um coração excepcional», dizem os médicos.

Peritos em avalanches informaram: «Felizmente, os blocos de neve continham bastante ar». Além disso, ela não recebeu o impacto total da avalanche, e sim apenas o de um metro e meio de neve.

Uma semana depois do acidente, Marg estava ao lado de Ernie, num avião, voltando para casa. Sorrindo, ela dizia para Ernie que, afinal das contas, não podia ter perdido a excursão da Páscoa por nada deste mundo.

De volta a Toronto, Marg Laidlaw recebeu reimplantes de pele na mão direita, cotovelo esquerdo e em ambos os joelhos. Como resultado da ulceração produzida pelo frio, a mão direita ficou ligeiramente entorpecida, mas ainda conservava cerca de 80% da mobilidade. O problema maior, no entanto, foi a atrofia de um nervo da perna, que a fazia mancar. Apesar disso, três meses após o acidente, voltou ao trabalho e ainda pôde aproveitar um longo feriado no Canadá, acampando com o marido. *(Nota do editor.)*



NA PORTA de um gabinete na universidade havia um imenso aviso que chamou minha atenção. Dizia: «Proibida a entrada de estudantes quando a porta estiver fechada.» Eu não teria dado mais atenção ao aviso, se não houvesse outro, em letras menores, colado a ele, dizendo: «Por favor, mantenha a porta fechada.»

— M. F.



QUANDO fazia compras, um dia destes, notei duas adolescentes examinando as fotos de uma revista para noivas. Quando uma delas exclamou «Olhe que coisa linda!», o pensamento que me veio à mente foi o de que talvez a tradição não tenha morrido completamente. Seria possível que duas jovens modernas ainda sonhassem em caminhar pela igreja com o tradicional vestido branco, precedidas por convidados elegantemente vestidos? Meus pensamentos se desvaneceram por completo quando ela acrescentou: «Será que eles têm um vermelho?»

— A. B.